



NOVAS LEITURAS DA FICÇÃO BRASILEIRA NÓ SÉCULO XXI

Helena Bonito Pereira
Organizadora



Universidade Presbiteriana Mackenzie

Novas leituras
da ficção brasileira
no século XXI

Coleção AcadeMack, 4

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Reitor: Benedito Guimarães Aguiar Neto

Vice-reitor: Marcel Mendes

COORDENADORIA DE PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS

Coordenadora: Helena Bonito Pereira

EDITORA

Conselho Editorial Acadêmico

Helena Bonito Pereira (*Presidente*)

José Francisco Siqueira Neto

Leila Figueiredo de Miranda

Luciano Silva

Márcia Guekezian

Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira

Maria Lucia Marcondes Carvalho Vasconcelos

Moises Ari Zilber

Valter Luís Caldana Júnior

Wilson do Amaral Filho

Editora executiva: Joana Figueiredo

Novas leituras da ficção brasileira no século XXI

Helena Bonito Pereira
Organizadora



Universidade Presbiteriana Mackenzie

© 2011 Helena Bonito Pereira

Todos os direitos reservados à Universidade Presbiteriana Mackenzie.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio
ou forma sem a prévia autorização da Universidade.

Coordenação editorial: Joana Figueiredo

Capa: Monica Raynel

Diagramação: Acqua Estúdio Gráfico

Preparação de texto: Fernanda Andrade do Nascimento Alves

Revisão: Evandro Lisboa Freire

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Novas leituras da ficção brasileira no século XXI / Helena
Bonito Pereira, organizadora. – São Paulo : Universidade Presbi-
teriana Mackenzie, 2011.

ISBN 978-85-7916-082-0
Vários autores.

1. Crítica literária 2. Ficção brasileira – História e crítica 3. Ficção
brasileira – Século 21 – História e crítica 4. Literatura brasileira –
História e crítica I. Pereira, Helena Bonito. II. Série.

11-05628

CDD-869.930904

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção contemporânea : Literatura brasileira :

História e crítica :

869.930904

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Rua da Consolação, 930

Edifício João Calvino, 7º andar

São Paulo – SP – CEP 01302-907

Tel.: (11) 2114-8774/2114-8785

editora@mackenzie.com.br

www.mackenzie.br/editoramackenzie

Como adquirir os livros:

Livrarias Mackenzie

Campus Itambé

Rua da Consolação, 930, Prédios 18 e 19

São Paulo – SP – CEP 01239-001

Tel./Fax: (5511) 2114-8574

Campus Tamboré

Av. Tucunaré, s/nº

Tamboré – Barueri – CEP 06460-020

Tel./Fax: (5511) 3555-2124

Sumário

Apresentação 17

Helena Bonito Pereira e Lillian Lopondo

Breves apontamentos para a história literária brasileira 31

Helena Bonito Pereira

Uma imagem do homem, uma imagem da arte 51

Aurora Gedra R. Alvarez

Isidore Ducasse, que é Lautréamont, é Maldoror? 79

Marilene Weinhardt

Um fio, outro fio: a vida que se perpetua 99

Luiz Camilo Lafalce

Notas sobre *Menino oculto*, de Godofredo de Oliveira Neto 119

Arnaldo Franco Junior

Uma existência desordenada como um bazar muçulmano 159

Rogério da Silva Lima

Identidade e experiência em *Pelo fundo da agulha*,
de Antônio Torres 181

Maurício Silva

Mãos de cavalo e a permanência da literatura em tempos
de mediatização digital 197

João Manuel dos Santos Cunha

Os vendilhões do Templo: uma experiência de leitura 225

João Leonel

A agônica escritura de Modesto Carone: *Por trás dos vidros* 249

Lourdes Kaminski

Entre o escrever e o ler em *O livro dos nomes*,
de Maria Esther Maciel 267

Marisa Lajolo

Galiléia sertaneja 285

Wagner Martins Madeira

Ó, o lugar da negatividade 307

Biagio D'Angelo

Reflexões sobre um incerto Édipo 325

Teresa de Almeida Arco e Flexa

Yuxin: alma, estratégias narrativas e significados
na obra de Ana Miranda 339

Elizabeth R. Z. Brose

Anjo das ondas: Álvares de Azevedo e(m) João Gilberto Noll 357

Maria Cláudia Rodrigues Alves

Índice 379

Sobre os autores

Helena Bonito Pereira

É doutora em Letras Modernas (Língua e Literatura Francesa) pela Universidade de São Paulo (USP). Fez estágio pós-doutoral no Departamento de Estudos Hispânicos da Universidade da Califórnia em Riverside. É professora da graduação e da pós-graduação no Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), onde responde pela Coordenadoria de Publicações Acadêmicas. Coordena o grupo de pesquisa “Literatura no contexto pós-moderno”, integrado ao Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). É filiada à Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic), fazendo parte de sua Diretoria (2007-2008) e de seu Conselho Deliberativo (a partir de 2009). É filiada à International Comparative Literature Association (Icla) e à Associação Internacional de Lusitanistas (AIL). Dentre suas publicações recentes, constam: *Palavras... tantas palavras: dicionário ilustrado da língua portuguesa* (São Paulo: FTD, 2011); *Ficção brasileira no século XXI* (São Paulo: Universidade Presbiteriana Macken-

zie, 2009) e *Linguagens na sala de aula do ensino superior* (Niterói: Intertexto, São Paulo: Xamã, 2010).

Aurora Gedra R. Alvarez

É mestre e doutora em Literatura Portuguesa pela USP e pós-doutora pela Universidade de Indiana na área de Intermedialidade. É docente da UPM. Suas linhas de pesquisa desenvolvem o interesse pelo estudo do dialogismo no discurso literário e por questões relacionadas à intermedialidade. É membro de várias associações: Abralic, Icla, AIL, Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa, Nordic Society for Interart Studies, sediada na Universidade de Linnaeus, em Växjö, Suécia, dentre outras. Participou de numerosos eventos acadêmicos com apresentação de trabalhos, emitiu pareceres para a Fapesp e para outras instituições, escreveu capítulos de livros e artigos para revistas especializadas em Letras, orientou pesquisas de iniciação científica, de conclusão de graduação, de mestrado e de doutorado.

Marilene Weinhardt

É doutora em Letras pela USP, professora titular de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Paraná (UFPR), bolsista Produtividade em Pesquisa 2 (CNPq), líder do grupo de pesquisa “Estudos sobre ficção histórica no Brasil” (CNPq). Faz parte da diretoria da Abralic (gestão 2009-2011). Além de artigos em periódicos especializados e capítulos de livros, em sua maioria centrados no estudo da ficção histórica, publicou: *O Suplemento Literário d’O Estado de S. Paulo – 1956-67. Subsídios para a história da crítica literária no Brasil* (Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1987); *Mesmos crimes, outros discursos? Algumas narrativas sobre o*

Contestado (Curitiba: Editora da UFPR, 2000) e *Ficção histórica e regionalismo. Estudo sobre romances do Sul* (Curitiba: Editora da UFPR, 2004).

Luiz Camilo Lafalce

É doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela USP. Dedicou-se em especial à análise e à interpretação da poesia contemporânea portuguesa (Eugênio de Andrade) e brasileira (Dante Milano). É professor dos cursos de graduação (Letras, Tradução e Jornalismo) do Centro de Comunicação e Letras e do curso de especialização (*lato sensu*) da UPM. Atualmente, participa do projeto “Os desdobramentos do eu: o duplo na literatura e em outras manifestações culturais da contemporaneidade”, coordenado pela Profa. Dra. Lilian Lopondo, da UPM.

Arnaldo Franco Junior

É mestre e doutor em Literatura Brasileira pela USP e pós-doutor pela Université de Paris VIII. Professor da área de Teoria da Literatura no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), *campus* de São José do Rio Preto. Atua nos cursos de graduação (Letras e Tradução) e no programa de pós-graduação em Letras, nas áreas de Teoria da Literatura e Literaturas em Língua Portuguesa. Desenvolve as pesquisas “Perspectivas teóricas no estudo da literatura” e “Poéticas da identidade”, estudos ligados à narrativa, com ênfase na narrativa brasileira moderna e contemporânea, e à crítica literária – subáreas em que se concentra sua produção bibliográfica. É líder do grupo de pesquisa “Experiência e experimentalismo na narrativa contemporânea” (CNPq).

Rogério da Silva Lima

É doutor em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É professor adjunto no Departamento de Teoria Literária e Literaturas, da Universidade de Brasília (UnB). Atua na área de Letras com ênfase em Semiologia. É ex-presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll) (2006-2008). É professor visitante na Fundação *Maison des Sciences de L'homme*, de Paris. Pertence à Rede do Centro-Oeste de Ensino e Pesquisa em Arte, Cultura e Tecnologias Contemporâneas (Rede CO3). É membro da Rede de Estudos Avançados em Leitura (Reler), da Cátedra Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/Unesco. É integrante dos grupos de pesquisa “Estéticas de fins de século”, da UFRJ, e “Ressonâncias do decadentismo na *belle époque* brasileira”, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. É líder do grupo de pesquisa “Charles Morazé”, uma parceria entre a UnB, o CNPq e Fondation Maison des Sciences de l'Homme, em Paris. É autor de *O dado e o óbvio: a significação do romance na pós-modernidade* (1998) e de *O imaginário da cidade* (2000), publicados pela Editora da Universidade de Brasília.

Maurício Silva

É doutor e pós-doutor em Letras Clássicas e Vernáculas pela USP. É coordenador da pós-graduação *lato sensu* da Universidade Nove de Julho; professor de Literatura Brasileira (graduação e pós-graduação) na Universidade Nove de Julho; professor-pesquisador do programa de mestrado e doutorado em Educação da Universidade Nove de Julho. É, ainda, editor científico da revista *Dialógia* e autor dos livros: *Noções elementares de gramática da língua portuguesa* (São Paulo: Plêiade, 1997); *O pensamento dominante: estrutura e prática do texto dissertativo* (São Paulo: Plêiade, 1998);

Sentidos secretos: ensaios de literatura brasileira (São Paulo: Altana, 2005); *A hélade e o subúrbio: confrontos literários na belle époque carioca* (São Paulo: Edusp, 2006); *O Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (São Paulo: Contexto, 2008), entre outros.

João Manuel dos Santos Cunha

É doutor em Letras (Literatura Comparada) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pela Université de Limoges; pós-doutor em Literatura Comparada pela Université Paris III – Sorbonne Nouvelle. É professor de Literatura na Universidade Federal de Pelotas (UFPe), atuando principalmente nas seguintes áreas: Literatura comparada; Literatura e cinema; Literatura e artes visuais; Literatura, cinema e autoritarismo; Intertextualidade; Interdisciplinaridade. Participa do grupo de pesquisa UFPe/CNPq “Literatura comparada: interdisciplinaridade e intertextualidade” e do grupo de trabalho “Literatura comparada” da Anpoll. Publicou diversos livros, entre os quais *A tradução criativa: A hora da estrela – do livro ao filme: a intersecção de duas narrativas* (Pelotas: Editora Mundial, EDUFPe, 1993) e *A lição aproveitada: modernismo e cinema em Mário de Andrade* (São Paulo: Ateliê Editorial, 2011), além de capítulos de livros e artigos em revistas acadêmicas e em *anais* de congressos sobre as relações entre literatura e cinema.

João Leonel

É mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É professor da graduação e pós-graduação em Letras da UPM. Desenvolve pesquisas relativas à Bíblia como literatura e à história da leitura.

ra protestante. É líder do grupo de pesquisa “Núcleo multidisciplinar de estudos do protestantismo”, vinculado ao CNPq. Também é membro fundador do grupo de trabalho “Literatura e sagrado”, da Anpoll. Tem quatro livros publicados: *Perguntas sem respostas? Experimentando Deus na realidade do sofrimento* (São Paulo: Reflexão, 2009); *História da leitura e protestantismo brasileiro* (São Paulo: Paulinas, Editora Mackenzie, 2010); *Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro* (São Paulo: Paulinas, Fonte Editorial, 2010), do qual é o organizador; *A Bíblia sob três olhares* (São Paulo: Fonte Editorial, 2011), juntamente com Paulo Augusto de Souza Nogueira e Júlio Paulo Tavares Zabatiero; além do livro *Bíblia, literatura e linguagem* (São Paulo: Paulus, 2011), em coautoria com Júlio Paulo Tavares Zabatiero.

Lourdes Kaminski Alves

É doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Unesp. É professora associada da graduação e pós-graduação em Letras na Universidade Estadual Oeste do Paraná (Unioeste), onde leciona as disciplinas de Literatura Clássica, Literatura Comparada, Literatura e Dramaturgia, Linguagem Literária e Interpretação. É bolsista produtividade em pesquisa da Fundação Araucária, líder do grupo de pesquisa “Confluências da ficção, história e memória na literatura”, do CNPq, e editora científica da revista de estudos literários *Línguas e Letras*. Dentre suas publicações, destacam-se: *Os narradores das vidas secas: da construção do texto à constituição do sujeito* (São Paulo: Scortecci, 2007); *Intertexto e variável trágica no teatro de Dias Gomes* (Cascavel: Edunioeste, 2010); *Poética e sociedade: interfaces literárias* (Edunioeste, 2009); *Confluências da literatura e outras áreas* (Edunioeste, Fundação Araucária, 2010).

Marisa Lajolo

É mestre e doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP e pós-doutora pela Brown University. É pesquisadora sênior do CNPq, professora da UPM e professora titular aposentada convidada da Unicamp. Ao lado de significativa publicação de livros, ensaios e artigos, *Monteiro Lobato livro a livro* (obra infantil), que organizou junto com João Luis Ceccantini, recebeu o primeiro lugar do Prêmio Jabuti na categoria “Crítica e Teoria Literária” (2009) e foi também considerado Livro do Ano de Não Ficção no mesmo ano.

Wagner Martins Madeira

É licenciado, mestre e doutor pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Foi professor do Centro de Comunicação e Letras da UPM, onde lecionou disciplinas das áreas de Literatura Brasileira e de Literatura Portuguesa. Também integrou o programa de pós-graduação *lato sensu* de Letras da UPM, lecionando disciplinas ligadas à literatura brasileira, teoria literária e ao teatro. Em 2001, publicou o livro *Machado de Assis: homem-lúdico. Uma leitura de Esaú e Jacó* (São Paulo: Annablume), proveniente da sua dissertação de mestrado, e em 2008 *Comédias* (São Paulo: Martins Fontes), volume que organizou sobre o teatro de Oduvaldo Vianna. Organizou dois números da revista *Pandora Brasil*, publicação eletrônica editada pelo Centro de Ciências e Humanidades da UPM. O de número 12, de novembro de 2009, intitulado “O duplo”. O de número 22, de setembro de 2010, em parceria com o Prof. Dr. Luiz Camilo Lafalce, intitulado “Jogo & cultura”. Participa do projeto “Os desdobramentos do eu: o duplo na literatura e em outras manifestações culturais da contemporaneidade”, coordenado pela Profa. Dra. Lílian Lopondo, da UPM.

Biagio D'Angelo

É doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Russa de Estudos Humanísticos, em Moscou. É, atualmente, professor de Teoria Literária e Literatura Hispano-americana da Universidade Católica Péter Pázmány (PPKE), em Budapeste, na Hungria. Já foi professor doutor de Literatura Comparada e Literatura Hispano-americana da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, é membro da AILC/Icla, na qual trabalhou, recentemente, como presidente do Comitê Internacional de Estudos Latino-americanos (2007-2010). Dentre suas publicações, destacam-se *Borges en el centro del universo* (Lima: Fondo Editorial UNMSM, 2005), *Nuevas cartografías literarias en América Latina: entre la voz y la letra* (Lima: Fondo Editorial UCSS, 2007) e, mais recentemente, *Comparaciones en vertical: conflictos mitológicos en las Américas*, organizado com Paola Mildonian (Veneza: Supernova, 2009).

Teresa de Almeida Arco e Flexa

É mestre e doutora em Letras Modernas pela USP. É professora de Língua e Literatura Francesas na UPM. Já colaborou em jornais e revistas, em especial com artigos sobre Lúcio Cardoso, Julien Green e Georges Bernanos. É uma das participantes da edição crítica de Lúcio Cardoso – *Crônica da casa assassinada* (São Paulo: Edusp, 1999) – organizada por Mario Carelli. Escreveu a peça *Fragmentos de um discurso amoroso*, baseada no livro de Roland Barthes, montada pela companhia de Antonio Fagundes e apresentada em várias capitais do Brasil. Publicou recentemente *Lúcio Cardoso e Julien Green: transgressão e culpa* (São Paulo: Edusp, 2010).

Elizabeth R. Z. Brose

É licenciada em Letras pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e doutora em Teoria da Literatura, sob a orientação de Regina Zilberman, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e pela Universität zu Köln (Alemanha). Frequentou a Georg-August-Universität Göttingen, possui diploma do nível superior de alemão (KDS) pela Ludwig-Maximilians-Universität München e pelo Instituto Goethe. Sua tese sobre obras do escritor angolano Pepetela, *A máscara de múltiplas faces*, foi publicada em 2009 pela Editora da PUC de Goiás. Lançou os livros *Metodologia do ensino de literatura* (2009) e *Leitura e literatura* (2009), pela mesma editora. Coordena o livro de contos de Kate Chopin com respectivos ensaios (Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011). É autora da narrativa longa *Memórias de um corpo eviscerado* (Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011), a ser lançada na França em 2012.

Maria Cláudia Rodrigues Alves

É graduada em Letras pela USP, licenciada em Animation Culturelle et Sociale pela Université d'Aix-Marseille, mestre e doutora em Letras pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH da USP. Atualmente, é ensaísta, membro do grupo de pesquisa "Literatura no contexto pós-moderno", é professora doutora assistente em Língua e Literatura Francesa da Unesp, *campus* de São José do Rio Preto.

HELENA BONITO PEREIRA

LÍLIAN LOPONDO

Apresentação

Como se configuram as vertentes da ficção brasileira no início do século XXI? Completada uma década de produção literária, este livro propõe-se a destacar algumas linhas de força presentes na ficção atual. Trata-se de uma leitura coletiva, empreendida por 16 professores de Literatura vinculados a cursos de graduação e pós-graduação em Letras que atuam em diferentes universidades. Tem por alvo dar maior relevo, no universo acadêmico, às narrativas literárias brasileiras recém-publicadas, dispendo-se a vencer conhecidas barreiras, impostas pela falta de distanciamento temporal e pela justificável insegurança em apontar o que pode vir a ser consagrado ou não pela posteridade. As narrativas que aqui se encontram analisadas já superaram um crivo anterior, tendo sido premiadas ou pelo menos indicadas em listas de concursos nacionais e internacionais, com base no mesmo procedimento que norteou a seleção de textos para o volume precedente, *Ficção brasileira no século XXI: narrativas comentadas de Adriana Lunardi, Alberto Martins, Luiz Ruffato, Michel Laub, Milton Hatoum, Nelson de Oliveira, Ricardo Lísias e Rodrigo Lacerda*, publicado pela Editora da Universidade Presbiteriana Mackenzie em 2009. Ao considerar as premiações ou indicações em concursos como

pré-requisitos para a seleção das narrativas, não se pretendeu tomar os dados dessas listas como absolutos ou indiscutíveis, já que a fortuna crítica e a vendagem de um romance podem crescer anos depois de seu surgimento. Não se ignoram, tampouco, as controvérsias e contestações, muitas vezes procedentes, que se desencadeiam logo após a divulgação dos resultados dos júris. Considera-se, portanto, que tais indicações constituem um dos parâmetros a que se pode recorrer, apenas na medida em que são fruto da leitura de um grupo de especialistas, os julgadores, que se debruçaram sobre parcela expressiva da produção recente e selecionaram as que lhes pareceram mais relevantes. São por demais conhecidos os casos em que romances bem divulgados, e com venda expressiva, por ocasião do lançamento, desaparecem do cenário literário em tempo relativamente curto. A complexidade da interação dos fatores referentes à avaliação positiva ou negativa de uma obra extrapola as dimensões dos estudos desta coletânea.

Ao contemplar um pequeno conjunto, no imenso terreno das narrativas ficcionais contemporâneas, este grupo de ensaístas propõe-se a levar adiante um exercício de leitura, alheio, por definição, a qualquer esforço ou ambição totalizante. Dentre centenas de obras premiadas ou indicadas para premiações nos últimos dez anos, foram escolhidas as que constituem o objeto deste livro, a critério e por opção dos ensaístas. Pela formação teórica e pelo gosto de cada um deles também se pautam as leituras, que adotam diferentes métodos e seguem o referencial teórico-crítico que cada articulista entende como mais adequado ao texto a que se dedica. Em outras palavras, o eventual compromisso com o aparato crítico da pós-modernidade é meramente facultativo nestes estudos, uma vez que se procurou

assegurar a cada articulista o direito ao trabalho conforme a abordagem que mais produtiva lhe parecesse em face do texto ficcional escolhido. Em estudos cujo *corpus* foi eleito sem a preocupação com sua possível representatividade, enfoques críticos diversificados contribuem para reafirmar a liberdade de caminhos que deve pautar todo trabalho intelectual voltado para o texto literário, compreendido este como expressão da criatividade individual que representa, esteticamente, as circunstâncias e a ideologia de seu tempo.

Embora lançadas entre 2000 e 2010, as 15 narrativas estudadas foram produzidas por escritores que, no período, encontravam-se em posições bastante diversificadas, considerando-se as coordenadas biobibliográficas de cada um. Como estes estudos buscam recobrir toda a década, foi escolhida a data da primeira edição de cada livro estudado para estabelecer a sequência dos capítulos. Assim, após um capítulo de contextualização histórico-crítica, os ensaios sobre obras específicas iniciam-se com a que foi publicada em 2001, *O pintor de retratos*, de Luiz Antônio de Assis Brasil, a que se segue o texto sobre *Cantos de outono*, de Ruy Câmara, de 2003, e assim até *Anjo das ondas*, obra de João Gilberto Noll lançada em 2010. Como se afirmou, as escolhas decorrem exclusivamente do gosto e do interesse dos articulistas, porém se espera que o estudo de 15 romances possibilite uma visão de conjunto, embora parcial e limitada, dadas as dimensões do mercado editorial brasileiro.

Um olhar de relance aos escritores revela de imediato a diversidade, em termos de faixa etária, ano de estreia, volume ou regularidade de suas publicações, importância ou reconhecimento acadêmico e crítico. Não é de se estranhar que haja escritores como Moacyr Scliar e Nélide Piñon, com dezenas de obras

publicadas, ao lado de autores recém-chegados ao segundo ou terceiro romance até o momento. Nélide Piñon, a mais antiga escritora desse grupo, estreou em nosso cenário literário ao final dos anos 1960, pouco antes de Moacyr Scliar e Modesto Carone, ambos nascidos, coincidentemente, em 1937 e estreantes na década de 1970, quando surgiram também nomes como Antônio Torres, Luiz Antonio de Assis Brasil e Ronaldo Costa Fernandes. Na década seguinte, ingressaram no mercado editorial Ana Miranda, João Gilberto Noll e Godofredo de Oliveira Neto e, já nos anos 1990, vieram a lume as primeiras obras de Nuno Ramos e Ronaldo Correia de Brito. Restam, portanto, quatro escritores estreantes neste século, com os primeiros livros lançados a partir de 2003 e já contemplados com o reconhecimento por parte de comissões julgadoras e leitores: Daniel Galera, Maria Esther Maciel, Mário Sabino e Ruy Câmara.

Um breve paralelo entre as datas de nascimento e de estreia acrescenta um dado curioso a esse conjunto, já que, em considerável maioria, II desses escritores lançaram suas primeiras narrativas entre os 30 e os 49 anos. Apenas quatro chegaram ao público ainda na casa dos 20 anos, como é o caso de Daniel Galera, um dos estreantes neste século. As datas dos primeiros trabalhos publicados referem-se à narrativa ficcional, porém, praticamente todos os autores participam de outras modalidades de escrita, como a poesia, a crítica, ou ainda de outros campos artísticos, como a pintura, a música ou a roteirização para cinema, etc.

No capítulo de abertura, “Breves apontamentos para a história literária brasileira”, de Helena Bonito Pereira, procura-se contextualizar a produção ficcional contemporânea no quadro do Modernismo, movimento que, com sua capacidade

de assimilação e transformação, dominou todo o século passado. Um breve apanhado das linhas de força da nossa ficção nos três últimos decênios completa esse panorama, com o intuito de identificar, quando possível, as convergências, as inflexões e as dissonâncias entre as manifestações contemporâneas e as precedentes.

Em “Uma imagem do homem, uma imagem da arte”, Aurora Gedra R. Alvarez discute dois temas que se entrelaçam na narrativa: a identidade do artista e a identidade cultural, com base em *O pintor de retratos*, de Luiz Antonio de Assis Brasil. Recorrendo aos fundamentos teóricos da História da Arte, examinam-se o conflito identitário do pintor Sandro Lanari e seus questionamentos sobre o conceito de arte, as relações entre a arte e a realidade, o valor da pintura e o da fotografia – uma novidade no final do século XIX, época em que se situa a história – e outras questões intrínsecas à criação artística, constantes tensões da personagem. Para analisar o segundo tema que o romance aborda, a autora ampara-se nas teorias dos Estudos Culturais, que respaldam o estudo do processo de hibridização do protagonista, emigrado da Itália, em busca de trabalho como pintor de retratos em Porto Alegre. Analisa-se, por um lado, o confronto cultural entre o europeu e o gaúcho, mais especificamente a representação da imagem que o artista faz de si e do nativo, e, por outro, atenta-se para a transformação dessa imagem e da visão que Lanari tem de sua arte: seja a da pintura, seja a da fotografia.

Em “Isidore Ducasse, que é Lautréamont, é Maldoror?”, Marilene Weinhardt traça um breve panorama dos romances brasileiros que ficcionalizam escritores para apresentar o livro escolhido, o alentado volume *Cantos de outono*, de Ruy Câmara. O

escritor opta, como já se anuncia no subtítulo – “O romance da vida de Lautréamont” – por reconstituir o percurso biográfico do poeta maldito, admirador obsessivo de Baudelaire e que se mata aos 24 anos. A despeito da pesquisa rigorosa de fontes, da ordem cronológica do relato, da colagem de cartas, do registro de comentários sobre a situação política do Uruguai e da França, não é o tom histórico o dominante no discurso ficcional. É antes a leitura do poeta dos *Cantos de Maldoror* que ecoa, criando a identificação de Isidore Ducasse, cujo pseudônimo é Conde de Lautréamont, com Maldoror, a voz lírica dos poemas. Enfatizam-se o sofrimento, a angústia, a sensibilidade exacerbada e, sobretudo, os detalhes do uso de opiáceos.

Partindo, como contraponto, de um aspecto estrutural da novela *As mil e uma noites*, “Um fio, outro fio: a vida que se perpetua”, de Luiz Camilo Lafalce, contempla o romance *Vozes do deserto*, de Nélide Piñon. Lafalce foca inicialmente o modo como a perspectiva narrativa escolhida pela autora – a *onisciência seletiva múltipla* – organiza a trama do romance, caracterizada por um contínuo retomar, capítulo após capítulo, da angustiante situação vivenciada por Scherazade, processo que ditará, mimeticamente, o ritmo da leitura. O tratamento formal, base sobre a qual está legitimado o discurso literário, reflete-se na diversidade do material discursivo e também na atenção dispensada à frase elegante, em que se mesclam expressões metafóricas de teor erótico, marcadas pelo sema da violência, denunciando a marca ideológica da opressão. Nessa *aventura de uma narrativa*, o leito dos amantes será recriado como uma arena onde o poder tirânico estará em luta contra as sutis teias tramadas por Scherazade para conduzir o Califá por um “vagaroso processo de humanização”. Após o exame de aspectos da trama e das personagens, o ensaio finaliza com

uma reflexão a respeito da função *narrativa* e de seu poder de transformação, o poder redentor da palavra, aqui materializada na voz da mulher que enlaça e lança os homens para além da mesmice de uma pragmática cotidiana e sórdida. À *trama* da morte, representada pela violência da opressão, a narradora opõe a *trama* da vida, na palavra encantatória da literatura. *Que resiste.*

Em “Notas sobre *Menino oculto*, de Godofredo de Oliveira Neto”, Arnaldo Franco Junior discute como, nessa narrativa, embaralha-se a cronologia dos eventos narrados, entrelaçando duas histórias: a rememoração da vida de Aimoré Seixas, professor de Literatura, falsificador de quadros e possível assassino, e a busca de um quadro falsificado, que fora vendido incompleto. Constituído pelos relatos de Aimoré, o romance faz-se mediante apropriações de trechos de obras consagradas, discutindo os limites entre originalidade e cópia, memória e fantasia. Aimoré esfuma os limites entre memória e invenção do vivido, narrando episódios de sexo, amor e crime protagonizados por ele. Tais acontecimentos, revisitados, alternam diferentes personagens na realização das mesmas ações, tornando indistintos o real e o imaginário. Sugere, com isso, a esquizofrenia como condição mental do narrador ou metáfora da subjetividade contemporânea.

“Uma existência desordenada como um bazar muçulmano”, de Rogério da Silva Lima, consiste na análise de *O viúvo*, do escritor maranhense Ronaldo Costa Fernandes. Nesse romance, o autor relata a tentativa de um professor universitário e escritor de dar continuidade à sua vida depois da morte da esposa, cujas lembranças o assombram. A narrativa carrega consigo uma grande dose de angústia de um narrador que, ao dobrar-se sobre si, percebe-se sufocado, aprisionado por suas lembranças, seus gestos, suas atitudes, suas ações e pela solidão. *O viúvo* é também

um romance de reflexão filosófica, psicológica e política, no qual surge, ainda, outra linguagem em meio à narrativa romanesca: a linguagem ensaística, aparentemente digressiva.

Desfecho de uma saga – a saga do deslocamento –, que se inicia com *Essa terra* (1976) e passa por *O cachorro e o lobo* (1997), o romance *Pelo fundo da agulha* (2006) constitui o cerne de “Identidade e experiência em *Pelo fundo da agulha*, de Antônio Torres”. Nele, Maurício Silva assinala a ampliação do deslocamento, fazendo que o termo seja ressemantizado e tenha maior alcance. *Deslocar-se*, aqui, não exprime apenas uma conotação espacial, mas significa, sobretudo, *desidentificar-se*. Nessa nova acepção, a ideia de deslocamento complementa, aproximando-se dele, um sentido social e psicologicamente mais abrangente – o sentido de perda de identidade. De fato, marca recorrente do romance, a questão da identidade, representada no texto, assume perspectivas diversas, manifestando-se ora em consonância com a imobilidade espacial, ora como resgate de um passado por meio da memória, ora ainda como transformação do interiorano em *homo urbanus*. Em relação ao primeiro modo, assistimos atônitos à passagem de uma mobilidade total à condição de uma extrema imobilidade do protagonista; em relação ao segundo, vemos a passagem de uma tentativa frustrada de resgatar o passado à tentativa desesperada de mantê-lo por meio da memória; quanto ao terceiro, testemunhamos a passagem da essência ontológica do homem do campo à condição de homem da cidade, portanto, deslocado de seu meio original e de sua condição existencial. Em todos esses casos, cumpre ressaltar, o denominador comum é um profundo sentido de *perda de identidade*.

Em “*Mãos de cavalo* e a permanência da literatura em tempos de midiatização digital”, João Manuel dos Santos Cunha

localiza o referido romance, finalista do 49º Prêmio Jabuti e do Prêmio Bravo 2006, no contexto da obra de Daniel Galera e no amplo conjunto da intensa e diversificada produção literária da primeira década do século XXI e examina uma questão que tem sido evocada pela crítica cultural com frequência para ilustrar uma suposta condição midiática da narrativa contemporânea: a repercussão das novas tecnologias de produção e circulação de textualidades como conformadoras da criação estética pela palavra escrita. Cunha procura demonstrar que, no caso da obra de Galera, essa tão difundida hipótese não se comprova. *Mãos de cavalo* insere-se na longa tradição dos romances de “reparação”, problematizando o tema da “segunda chance” por meio da rememoração redentora de fatos passados numa sucessão de fragmentos que devem ser montados não só pelo herói como também pelo próprio leitor-espectador desses *flashes*-imagens que se sucedem no tempo e no espaço. Para isso, Galera vale-se de procedimentos que emulam técnicas narrativas advindas das experiências vanguardistas e que repercutiram século XX afora, comensuradas à linguagem cinematográfica.

“*Os vendilhões do Templo: uma experiência de leitura*”, de João Leonel, procede à análise dessa narrativa de Moacyr Scliar, que se desenvolve a partir da ótica do leitor. Não o leitor idealizado e descrito pela crítica – aquele que se julga deveria ter esta ou aquela reação diante do texto literário –, mas outro tipo de leitor. O leitor é o próprio autor do ensaio, escrito em primeira pessoa. Dessa forma, em lugar de destacar aspectos constitutivos da estrutura do livro, sua ligação com correntes literárias e outros aspectos pertinentes a uma análise diacrônica, Leonel realiza uma abordagem em uma perspectiva sincrônica, na qual apresenta impressões, reações e avaliações surgidas no decorrer

da leitura. Tal procedimento implica deixar-se guiar pelo texto, pressupondo nele um diálogo proposto ao leitor. Dessa forma, a análise pauta-se pelas três divisões do livro, indicando em cada uma delas as reações do leitor diante das estratégias narrativas, aos suspenses, à constituição de pontos de contato entre as três histórias e mesmo tecendo críticas diante de segmentos mal desenvolvidos, segundo seu julgamento.

Com base no livro de contos lançado por Modesto Carone em 2007, Lourdes Kaminski propõe, em “A agônica escritura de Modesto Carone: *Por trás dos vidros*”, uma reflexão sobre a ideia de escritura como paradoxo, interrogação e recusa de uma totalidade. No conjunto dos contos, encontra-se o narrador do descontínuo, da labilidade, do corte e da linguagem agônica, a exemplo das frases-epílogos que abrem as sequências narrativas e que não são, de modo algum, indiciais, mas, ao contrário, aumentam a ambiguidade e instalam logo de início o estranhamento no nível da linguagem. A falta de sentido é o elemento comum entre várias personagens caronianas que se inscrevem nos desdobramentos e descaminhos do real, em que a única certeza é o *nonsense*, remetendo ao exercício agônico da escritura ou à condição do escritor no mundo contemporâneo. Este pode ser o traço que afirma o sujeito crítico, tradutor, o sujeito como signo cuja escritura não só se torna mimese como também testemunho de seu tempo.

“Entre o escrever e o ler em *O livro dos nomes*, de Maria Esther Maciel” traz a discussão feita por Marisa Lajolo a respeito dos procedimentos de leitura “previstos” ou “necessários” para o leitor percorrer o romance, um dos finalistas do Prêmio São Paulo de 2009. Estruturado como um mosaico de narrativas aparentemente independentes, cada uma das quais iniciada

por considerações etimológicas sobre o nome do(a) protagonista, o livro – inclusive em seus componentes não narrativos como capa, dedicatória e ficha catalográfica – é objeto da leitura minuciosa de Lajolo, que aborda os procedimentos e as estratégias pelos quais se pode fazer a construção de sentidos do livro e de sua história, navegando de um para outro capítulo, de uma para outra personagem.

Na sequência, “*Galiléia sertaneja*”, de Wagner Martins Madeira, focaliza o romance *Galiléia*, de Ronaldo Correia de Brito, que coloca em conflito dois mundos, o da tradição e o da hipermodernidade, o do tempo da espera e o do tempo da urgência. De um lado, o sertão enformado de mitos, crenças, religiosidade ibérica e judia. De outro, os *gadgets* capitalistas, celular, *videogame*, computador, internet e televisor. Tal parafernália tecnológica conflita com a cultura sertaneja, simbolizando ruídos existenciais dissonantes que resultam na decadência de valores ancestrais e na corrosão da estrutura de mandonismo patriarcal. Ismael, Davi e Adonias são os personagens urbanizados que re encontram, a contragosto, seus fantasmas no sertão cearense, onde agoniza o patriarca decadente Raimundo Caetano. A narrativa problematiza o mito do eterno retorno, ao reverberar crimes e fantasmas do passado que se propagam indefinidamente, pois são objetos de contos anteriores, “Faca” (2003) e “O que veio de longe” (2005). Assim, tempo e forma fabular são cíclicos, o que revela o estatuto isomórfico da ficção de Brito.

Em “Ó, o lugar da negatividade”, Biagio D’Angelo observa que a literatura contemporânea não apenas acentua a força do fragmento, como também atualiza a interrogação sobre uma nova “subjetividade” que repropõe a pergunta existencial de cada tempo, descrevendo, assim, um sujeito que se disfarça atrás de uma

máscara e que perdeu o uso da razão, isto é, que deixou de buscar ou de indicar uma verdade. A alegoria “ruinosa” da máscara revela a impossibilidade de ser testemunha. Porém, se ser testemunha é impossível, o “testemunho” valoriza-se no tecido trágico do texto narrativo. Na escrita de Nuno Ramos, assiste-se a uma fragmentação sempre mais acentuada do eu textual e do tecido narrativo. A desestabilização da verdade atualiza o mecanismo da tragédia. Narrar ou falar é possível somente *sobre a e a partir da* morte.

Em suas “Reflexões sobre um incerto Édipo”, Teresa de Almeida Arco e Flexa mostra que *O dia em que matei meu pai*, de Mario Sabino, é uma narrativa bastante densa, embora curta, que contém em sua extensão – nessa espécie de monólogo ou de diálogo de um criminoso com uma interlocutora silenciosa, a psiquiatra – uma segunda narrativa inacabada, produzida pelo mesmo narrador do texto principal. Este último volta-se para o mito de Édipo, com os olhos cegados em consequência do assassinato do pai. Dada a clara referência intertextual, a ensaísta recorre à obra de Sófocles e também à de Dostoiévski, uma vez que transparece no texto confessional – que suscita dúvidas sobre os limites de sua autenticidade e suspeitas sobre sua intenção de ludibriar o leitor – a sombra de *Os irmãos Karamázov*, romance em que o filho mais velho elimina a figura paterna.

Distante no tempo e no espaço ficcionais, *Yuxín – alma* é o romance de Ana Miranda (2009) estudado por Elizabeth R. Z. Brose em “*Yuxín*: alma, estratégias narrativas e significados na obra de Ana Miranda”. A personagem narradora confessa sua história em 1919, desde antigos tempos de aprendizado da canção e do bordado. Essa voz encontra no mito a solução para explicar quem primeiramente formou motivos e desenhos com fios de algodão: a primeira mulher que ensinou a “bordar can-

tando”, Siriane, articulava palavras e movimentava as mãos, registrando em tecidos seus pensamentos. Trata-se de uma narrativa longa, cujos recursos e estratégias associam a integração da língua portuguesa ao cantar dos pássaros e aos falares indígenas. Investigam-se ainda neste ensaio os termos indígenas no livro de Capistrano de Abreu, *Rã-txa hu-ni-ku-i – a língua dos Caxinauás do rio Ibuáçu*, (1941) e, a seguir, as figuras de linguagem que simulam a elaboração dos pensamentos, enquanto a personagem cuida dos afazeres manuais.

Em “*Anjo das ondas*: Álvares de Azevedo e(m) João Gilberto Noll”, Maria Cláudia Rodrigues Alves estuda o romance juvenil publicado apenas em 2009, cujo título remete ao poema “Anjos do mar”, de Álvares de Azevedo, que se inicia com o verso “As ondas são anjos que dormem no mar”, buscando elencar pistas para mostrar que o diálogo Noll/Azevedo vai além desse evidente intertexto. A temática da adolescência, acompanhada de suas angústias e de seus questionamentos, manifesta-se no próprio fazer literário de Noll. O percurso do protagonista Gustavo, em sua passagem da adolescência para a fase adulta, está presente nos duplos (personagem, voz narrativa, espelhamentos), assim como nas expressões escolhidas pelo autor, que revelam anacronismos entre um vocabulário romântico empoadado e gírias contemporâneas. Noll parece sugerir-nos que o fazer literário, a literatura e a condição adolescente são, em princípio, atemporais. O estudo de Alves sugere uma maior intimidade Noll/Azevedo sem desvendá-la completamente, indicando as pistas para uma possível leitura que ultrapasse a temática da adolescência e atinja a problemática da literatura em si na metalinguagem nolliana e azevediana, notoriamente transcendentais em relação a seu tempo e espaço.

Ao percorrer na íntegra as breves sínteses da cada ensaio elencadas nesta *Apresentação*, um leitor que se debruce sobre as páginas a seguir poderá ver confirmado o que se anunciou inicialmente: que se trata de uma proposta de leitura não exaustiva, porém abrangente, com variadas possibilidades metodológicas. Não se excluem as diferenças em termos de grau de complexidade nessas leituras. Reafirma-se, portanto, a intenção de reunir um conjunto de modestas proporções que, sem esgotar o assunto, mostra-se representativo do que está disponível ao leitor da literatura brasileira do século XXI. Reitera-se ainda que o objetivo maior desta publicação é aproximar estudantes e pesquisadores de literatura brasileira da produção contemporânea, compreendida como um produto artístico-cultural que recria, em textos, as contradições da sociedade brasileira do nosso tempo.

Finalmente, a organizadora expressa seus agradecimentos à Universidade Presbiteriana Mackenzie, que se distingue, no quadro do ensino superior no Brasil, pelo sólido apoio à pesquisa acadêmica e à disseminação do conhecimento. Agradece igualmente à equipe da Editora da Universidade Presbiteriana Mackenzie pelo empenho e pela seriedade, que resultaram na publicação desta obra, e à qual se apresenta esta coletânea, no mesmo escopo da anterior e já acrescida de textos de estudiosos de seis conceituadas universidades nacionais e uma estrangeira, como consta no informe sobre os autores. Tendo sido o referido livro reconhecido pela comunidade acadêmica nacional como contribuição relevante às tentativas de sistematização dos estudos contemporâneos em Letras, espera-se, com este, dinamizar mais uma vez o debate e a reflexão nesse campo do conhecimento.

São Paulo, abril de 2011.

Em ***Novas leituras da ficção brasileira no século XXI***, reúnem-se textos críticos sobre produções contemporâneas de uma seleção de escritores brasileiros. A escolha das obras e dos autores teve como critério a data de publicação – todos foram lançados entre 2000 e 2010 – e a acolhida das obras, considerando-se aquelas que receberam indicações ou premiações em importantes concursos literários no Brasil e no exterior, como é o caso do Prêmio Jabuti e do Prêmio Portugal Telecom, para citar dois deles.

As leituras críticas desenvolvidas neste livro dirigem-se não somente aos estudiosos da literatura, mas também a todos os leitores interessados em compreender o contraditório mundo em que vivemos. Todos os ensaios apresentam uma mesma perspectiva – a de que a ficção literária, verdadeira interpretação metafórica da vida, existe para reinventar o mundo. Ao projetar realidades imaginárias, a narrativa ficcional suscita incontáveis reflexões, como as que se encontram neste livro. Dessa forma, pretendemos que os interessados pela reflexão acerca das inquietações de nosso tempo encontrem nesta obra um ponto de ancoragem.

